

A Educação para o filosofar

É significativa a idéia de Filosofia como amor à sabedoria. Esta intuição original dos gregos inspirou formas diversas de pensar na própria Grécia e em toda cultura ocidental. Por isso, às vezes, entende-se a Filosofia como a história dos “amores à sabedoria”. Neste sentido, o fazer filosófico se restringiu ao estudo da história da Filosofia. Esta visão pode ofuscar o que a Filosofia tem de mais rico: oferecer um precioso material para continuar a novidade do pensar: repensar o pensado, pensar de formas diferentes do pensado, pensar o ainda não pensado, pensar o que não se pensa, pensar a própria ignorância do pensar.

A capacidade e intuição de se fazer amigo do conhecer, a força original da Filosofia, renasce na curiosidade de cada criança que vem ao mundo. E pode continuar viva se o desejo humano de saber não se acomodar diante da imposição de certezas ou saberes que inibem a busca. Mas seriam todas as pessoas filósofas? Que sentido tem a experiência do amor e do sabor pelo conhecer ou pelo pensar?

Responder a estas questões é quase construir uma filosofia. O que seria tarefa ousada demais para este momento. A intenção aqui é olhar a Filosofia como uma experiência de pensar ligada às necessidades da vida individual e social. É um pensar por si e com os outros. É a experiência de subjetividade, diferença e pluralidade. Ela indaga pelos sentidos orientadores da vida, investigando e inventando possibilidades, alternativas e novas formas e maneiras de conduzir a vida. A prática do filosofar só se realiza como prática da liberdade! Pensamos na medida em que escolhemos pensar e, assim, somos arremessados em outro lugar. Podemos escolher aquilo que nos arremessa ao lugar-comum. Podemos escolher o que nos arremessa a um lugar diferente, novo, incômodo, desafiador e que suscita um novo pensar. É o lugar da imaginação. Neste caso estamos mais próximos da prática do filosofar. Educar para o filosofar é dar oportunidade à experiência múltipla do pensar. É possível esta experiência em nossas escolas?

Assim, retornemos à questão colocada anteriormente. A experiência do amor à sabedoria, ou ainda, o sentido da amizade ao saber, ou do desejo de saber, ou do amor ao aprender. É importante notar que estas expressões não especificam uma idade, embora alguns filósofos levantem esta querela, como é o caso de Platão, que não via possibilidade das crianças se entreterem com esta nobre missão. Exclui qualquer possibilidade de uma suposta determinação genética para o pensar.

Num sentido mais positivo, as expressões que falam sobre o filosofar nos remetem a uma experiência de pensamento que se desenvolve e cresce. Nasce da escolha de rever as crenças estabelecidas porque são problemáticas, ou insatisfatórias ou porque a curiosidade leva a suspeitar das certezas. Daí surge a necessidade buscar novas explicações. Este momento sinaliza o reconhecimento da própria ignorância no sentido socrático. É o ponto de onde se parte e nunca deve ser abandonado, mesmo que se possua certo saber. Mais ainda, é uma experiência que lida com problemas e é movida por perguntas e respostas. A experiência não é isolada, depende da alteridade – pessoas e coisas – para se realizar. E, ainda, a experiência não acontece no vácuo, mas em certas condições de espaço e tempo, está situada histórica e culturalmente. Estas idéias referem-se às potencialidades da experiência do filosofar e só se pode dizer que são limites no sentido de algo a ser superado e transcendido. Constitui uma referência para se avaliar a novidades, a diferença e o avanço do pensar.

A referência a um contexto é necessária para saber de onde falamos, ou seja, em nosso caso, a realidade brasileira. Quem não fica perplexo ao saber que o país tem um dos piores índices de analfabetismo funcional e rendimento escolar do mundo? Diariamente nos defrontamos com problemas graves como pobreza, violência, desigualdades econômicas e sociais, corrupção, discriminações sociais, dificuldade de acesso à cultura, destruição ambiental, trabalho infantil, exploração dos trabalhadores, dentre outras. Os contrastes são grandes entre aqueles poucos que têm acesso à última novidade tecnológica e aqueles que não têm acesso sequer a um livro. O que significa uma educação para o filosofar nesse contexto? Que filosofar é possível nessas condições? Qual o papel da reflexão filosófica diante desta realidade?

O olhar filosófico cuidadoso não pode deixar de questionar esta realidade, buscar as causas mais profundas e primeiras. Inquirir o como e o porquê das práticas humanas ao longo da história terem produzido e continuarem a reproduzir esta realidade. E, nesse processo de questionamento, o filosofar dialoga com outros saberes, porque eles também são afetados pelos mesmos problemas. Assim, se estas questões não afloram em nossas discussões, algo está errado. O que está em jogo é o desenvolvimento da consciência do indivíduo como personagem social capaz de intervenções em seu meio. O amor à sabedoria é formador da sensibilidade para lidar com os problemas que envolvem a convivência tanto no sentido local quanto global. Daí a importância da filosofia para a formação humana: formação do pensamento e das emoções, do caráter e da conduta.

A educação filosófica na escola

A experiência do filosofar caracteriza-se pelo aprender a usar a inteligência como capacidade criadora de significados num ambiente de diálogo. Aprender a filosofar é aprender a discutir uma idéia, ou ponto de vista, como hipótese que melhor responde a um problema. Daí a íntima relação entre o filosofar e o educar. Esta experiência pode iniciar na infância, especialmente na Educação Infantil, já que a idade não é o fator determinante, mas as possibilidades de pensar e falar. A vida da criança já tem um enredo, uma cultura, uma linguagem, sensações e percepções do mundo. Os problemas pulsam no seu coração. A experiência concreta que o aluno traz é a matéria do filosofar. Dela se parte e a ela se volta com novos significados que lhe abrem horizontes. A experiência do pensar na infância, embora não conte com grande quantidade de conhecimentos, é altamente imaginativa, mais livre e criadora. Por isso, é uma oficina de criação de significados. Além disso, a curiosidade é uma força peculiar na criança. Quem já não viu a rapidez e eficiência com que uma criança apropria-se de um novo recurso tecnológico, a ponto de poder ensinar à outra pessoa mais idosa a utilização daquele recurso? São muitas as maneiras das crianças envolverem-se na construção de significados. Na medida em que o interesse por entender o significado das coisas vai se tornando mais forte, abre-se o espaço para o filosofar. As grandes araucárias nasceram pequenas e frágeis!

O mundo da criança é o mundo do brincar. O filosofar deve estar enlaçado com o brincar. Ali o filosofar é formiga e cigarra, oferecendo condições para um contínuo crescimento e um

desabrochar das potencialidades de cada pessoa.

A infância é a chama instauradora do filosofar. Tudo passa a ser olhado e considerado de novo. Mas o que acontece com esta luz nos caminhos da vida? É possível fazer esta luz brilhar mais intensamente? A prática do filosofar pode ser considerada uma prática de iluminar. Formar um conceito, fazer uma pergunta trazem uma nova luz para a experiência, embora muitos aspectos continuem obscuros. A criança que vai se apoderando da prática de filosofar poderá estar mais bem equipada para enfrentar as dificuldades trazidas pelos períodos turbulentos da adolescência e da juventude. Nestas fases, a energia para o filosofar terá que ser alimentada com outros materiais. Filosofar requer um novo jeito, uma nova cara. É necessário aprender a navegar nas ondas da rebeldia típica desta idade. Ondas que às vezes são tsunamis...

Assim, o filosofar é múltiplo. Terá outras exigências de rigor, radicalidade, abrangência e sistematicidade no Ensino Médio, na graduação, na pós-graduação, ou ainda como uma profissão específica, a do filósofo. Mas se a abstração é necessária, abstrair-se da vida, especialmente da vida na polis, dos problemas reais dos concidadãos, estará comprometendo sua vocação.

A cultura do filosofar na escola requer que sejam explicitados alguns aspectos considerados de fundamental importância: a) Práticas do filosofar; b) Educação do pensamento e das emoções; c) Educação ética e cidadã; d) Metodologia: a comunidade de práticas do filosofar. Antes de aprofundar estes aspectos, convém retomar um componente pedagógico imprescindível para qualquer projeto educativo frutificar. Como a prática do filosofar na escola é ainda uma grande novidade, é necessário estruturar o processo cuidando, amorosamente, dos seguintes critérios: continuidade, rigor, sistematicidade, planejamento, formação intensa e avaliação. São critérios para orientar a prática pedagógica reflexiva sobre as ações dos educadores. Quanto mais comunitária ela for, melhores resultados podem ser vislumbrados. Os quatro aspectos fundamentais da educação para o filosofar que comentaremos a seguir não podem ser tomados isoladamente. Eles se interconectam em todas as etapas do processo.